



**152- Resgate do artesanato com fibra de camalote (*Limnocharis laforestii* Duchass)
no distrito de Albuquerque, em Corumbá, MS**

SABATEL, Vânia de Oliveira. AGRAER, vsabatel@bol.com; NASCIMENTO, Maria Aparecida. Artesã, mariaaparecida12376@hotmail.com.

Resumo

A experiência com artesanato utilizando da fibra de camalote foi realizada no ano de 2005 no Distrito de Albuquerque, Município de Corumbá, Estado de Mato Grosso do Sul, a partir de um trabalho de extensão rural desenvolvido pela AGRAER (Agência de Desenvolvimento Rural e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul). Um grupo de mulheres de pescadores e/ou isqueiras desenvolveram produtos artesanais confeccionados com a fibra do camalote. O artesanato do camalote constitui-se numa arte diferenciada e nativa, propiciou a divulgação das potencialidades locais, o resgate de saberes tradicionais e viabilizou uma alternativa de renda e subsistência à comunidade.

Palavras-chave: artesãos, resgate de tradições, alternativa de renda.

Contexto

Analisando a história de Albuquerque, verificamos que o distrito é conhecido como o primeiro povoado da região de Corumbá e que durante 50 anos foi um grande centro produtor, comercial e de abastecimento, valorizado principalmente pelos seus produtos artesanais. Porém, com a fundação do novo povoado “Albuquerque Nova”, o atual Município de Corumbá, a população deslocou-se em busca de empregos e oportunidades devido a dificuldades enfrentadas para se chegar ao povoado, principalmente as constantes cheias ocorridas no pantanal, as quais dificultavam o acesso interno até a comunidade e o comércio.

Nos anos compreendidos no período de 1970 a 1990, com o advento do turismo de pesca e a instalação dos primeiros empreendimentos turísticos, a economia local cresceu novamente e atividade da pesca passou a dominar aproximadamente 80% daquela região.

Com a consolidação do turismo pesqueiro, nenhuma outra atividade foi fomentada para diversificar a economia local, e diante desta realidade, observou-se que a comunidade perdeu elementos do seu acervo cultural, mudando a racionalidade da população em relação à produção. Na piracema as taxas de desemprego aumentam, gerando diversos problemas sociais, entre eles a prostituição infantil.

Conhecendo a realidade sócio-cultural e econômica do distrito de Albuquerque, através de um diagnóstico participativo realizado pela AGRAER, percebeu-se que apesar das mudanças culturais sofridas devido ao desenvolvimento do turismo da pesca, ainda permaneciam enraizadas fortes características da cultura local como a prática do artesanato.



Nesse contexto, através da ASMETA, o artesanato com fibra de camalote, que já era desenvolvido por mulheres pescadoras e isqueiras do distrito, destacou-se como atividade intimamente ligada às práticas tradicionais e que possibilitaria o resgate das heranças e sabedorias culturais, além de ser alternativa de subsistência e gerar renda aos artesãos locais.

Como Albuquerque foi o berço da cultura pantaneira na região e ainda enfrenta o problema de “isolamento” devido a sua localização (encontra-se a 82 km do Município de Corumbá), outro fator que nos motivou a desenvolver e aprimorar o artesanato da fibra de camalote foi a oportunidade de divulgar e valorizar a cultura local e suas potencialidades turísticas, com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável do distrito e melhorar as condições de vida dos artesãos e suas famílias. Outros objetivos específicos da presente experiência foram: incentivar a organização e o trabalho em grupo, estimular o espírito empreendedor, valorizar a flora nativa, gerar empregos e promover a inclusão social de mulheres e jovens no setor produtivo.

Descrição da experiência

Com o diagnóstico participativo realizado pela AGRAER em parceria com a ASMETA, verificou-se que algumas famílias do distrito ainda permaneceram trabalhando com produções artesanais como: artesanato com sementes, e.v.a, couro, madeira, taboa, crochê, tricô e meia de seda. Entre eles, destacou-se o artesanato feito com o camalote, pois além de ser uma planta aquática, símbolo do pantanal, e abundante na região, ainda era desenvolvido e vendido para os turistas.

Assim, a primeira etapa do trabalho consistiu em organizar um grupo informal de artesãs na associação, o qual denominou-se “Flor do Camalote”, visando resgatar junto às pessoas que detinham a arte de trabalhar com a fibra do camalote, estimulando e aprimorando a produção. Na segunda fase ocorreu a transferência do conhecimento para aqueles que não conheciam a técnica e que queriam aprender.

Os encontros eram realizados semanalmente no prédio da associação, o qual encontrava-se em péssimo estado de conservação. Os trabalhos eram coletivos, não sendo permitido a confecção e a venda de produtos individuais para fortalecer a união do grupo.

Logo após a capacitação inicial do grupo, o processo produtivo foi dividido em 3 fases: coleta do camalote, secagem da fibra, confecção das tranças e confecção do produto.

Foi necessário organizar o processo produtivo, delegando funções no núcleo de artesãos, e ordenando por um presidente, um secretário, um tesoureiro, um responsável pela coleta e outro pelo processo de secagem.

A presente experiência iniciou em 2005, finalizando em 2006, e tratou do desenvolvimento de produtos artesanais com a fibra do camalote: bolsas, cintos, tapetes, cestas, chaveiros, chinélos, bandejas, etc.



Ocorreu no Estado de Mato Grosso do Sul (Brasil), no Distrito de Albuquerque, localizado às margens do Rio Paraguai, a 89 km do Município de Corumbá, MS, e a 302 km de Campo Grand, MS. Envolveu o núcleo de artesãos da associação ASMETA, os quais em sua maioria, eram esposas de pescadores e/ou isqueiras. A participação dos jovens também foi expressiva, principalmente na coleta da matéria-prima.

O artesanato de camalote foi desenvolvido pela comunidade de Albulquerque (14 famílias de pescadores), associada à ASMETA. Foi conduzido pela AGRAER e contou com o apoio da associação de artesãs AMOR PEIXE, a qual cooperou com palestras sobre organização. Houve também a cooperação de antigos moradores do distrito, que cederam espaços em suas casas para a realização das reuniões, já que o prédio da associação não tinha estrutura adequada para todas as atividades.



Resultados

Com o camalote foi possível desenvolver diversos produtos artesanais de uso pessoal e principalmente decorativos como almofadas, cestos e tapetes, já que a fibra é maleável e de espessura grossa. Foi possível resgatar antigos saberes locais e fomentar o artesanato como alternativa de subsistência e renda para as famílias do distrito de Albuquerque.

Apesar do processo organizacional não ter evoluído já que o núcleo de artesãos se desfez, houve um estímulo ao trabalho em grupo. Depois que o grupo foi formado, aumentou a produção e a procura do artesanato pelos turistas.

O artesanato do camalote propiciou a divulgação das potencialidades locais, através da participação dos artesãos e seus produtos em feiras e eventos, tanto no município de Corumbá, como em outros municípios e também em outros estados.

No período da pesca, as artesãs abandonaram a prática do artesanato para ajudar os esposos ou desenvolver atividades como isqueiras, deixando o artesanato como atividade secundária.

Houve muita dificuldade no desenvolvimento das atividades, já que a associação não possuía estrutura e nem equipamentos. O fortalecimento organizacional do grupo não ocorreu, pois algumas artesãs preferiram comercializar diretamente aos turistas, visando o lucro individual.

O artesanato da fibra de camalote apresenta grande potencial para confecção de produtos decorativos, podendo ser utilizados juntamente com madeiras, sementes e corantes naturais para agregar valor ao produto. Porém, há necessidade de capacitações específicas visando o aprimoramento da produção.



Figura 1. Grupo de artesãos e alguns produtos confeccionados com a fibra de camalote.